

Minicurso (MC-39)

Título: Introdução à História da Filosofia na América Latina

Instituição Proponente: UFAC

Responsável 1: Manoel Coracy Saboia Dias (UFAC)

Dia/Hora: 23/7/2014 a 26/7/2014 - das 07h30 às 09h30

Ementa: O problema da identidade e autenticidade do pensamento filosófico latino-americano. O problema do método de investigação sobre o pensamento latino-americano. Etapas e fases da história da filosofia latino-americana. A identidade da razão latino-americana.

Público-alvo: Alunos de graduação

Bloco Jorge Kalume – Letras – Sala 2

O minicurso foi inspirado na obra de Carlos Beorlegui, intitulada *História del pensamiento filosófico latinoamericano* (2004) para uma visão geral da Filosofia Latino-Americana a partir das cosmovisões pré-colombianas até às correntes filosóficas mais atuais, como, por exemplo, as filosofias da libertação, a pós-modernidade e a pós-colonialidade, bem como, outras numerosas correntes de pensamento do panorama cultural latino-americano, e, sobretudo, para a análise da denominada Filosofia americanista, empenhada ao longo de suas diferentes etapas na busca incessante da identidade e da autenticidade do latino-americano; e, na obra de Alberto Caturelli, intitulada *História de la Filosofía en la Argentina: 1600-2000* (2001) e de Paulo Marguitti, intitulada *História da Filosofia do Brasil: 1500-hoje: 1ª parte: o período colonial: 1500-1822* (2013), para exemplificar o núcleo argentino e brasileiro. No que tange ao Brasil, foi apresentado também o resultado de trabalhos realizados pelos estudantes do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Acre, no âmbito da disciplina *História da Filosofia no Brasil* sobre o da arte da Filosofia no Acre, sob minha orientação.

Após a apresentação do problema da identidade e autenticidade do pensamento filosófico latino-americano, notadamente, no que tange às filosofias nacionais e/ou regionais, a partir de três posturas fundamentais: universalista, nacionalista e intermediária ou perspectivística, foram discutidas as dificuldades epistemológicas, metodológicas e ideológicas que envolvem a investigação sobre a filosofia latino-americana, para compreender e explicar o problema do ser e da autenticidade da filosofia latino-americana, partindo do problema do método de investigação sobre o pensamento latino-americano e do enfoque crítico-ideológico na investigação histórica, para, finalmente, apresentar as etapas e/ou fases da história da filosofia latino-americana.

Segundo Beorlegui (2004), a apresentação das etapas e/ou fases da história da filosofia latino-americana, é inspirada em um artigo de Enrique Dussel, intitulado *Hipotesis para una Historia da Filosofia na America Latina (1492-1982)*, no qual propõe uma classificação desta história do pensamento a partir das chaves específicas de um certo materialismo histórico. Sem nos deter em seguir a Dussel em sua definição de etapas, fases e períodos históricos, coincidimos com ele na hora de estabelecer e seguir muitas de suas orientações referidas às periodizações com as que há que estruturar esta História do pensamento filosófico latino-americano, fazendo minhas as palavras de Beorlegui (2004).

Vejamos:

A primeira época desta História encontra-se constituída pela época pré-hispânica ou pré-colombiana, a partir do pensamento dos *nahuas*, *mayas* e *incas*.

A segunda época está constituída por três séculos de presença hispânica, época da Colônia, a partir de 1492 até o início do Século XIX, quando se produz a emancipação política. Coincidimos com Dussel em apreciar nestes três séculos três períodos bastante diferenciados, a saber:

a) o primeiro período, que compreende a partir de 1492 a 1553, estaria constituído pela teoria política dos vencedores sobre a conquista. Este pensamento de legitimação de conquista impõe sobre restos do pensamento simbólico dos “vencidos”;

b) no segundo período (1553-1750), se daria, o que denomina Dussel, a primeira normalização filosófica, e está caracterizada pela importação pelos espanhóis e portugueses de diversas universidades e outros centros superiores de cultura, que estenderam na América hispânica a filosofia Realizada nos centros universitários de Salamanca, Alcalá ou de Coimbra. A Filosofia hegemônica que se importa é a segunda escolástica, com suas diferentes escolas, sobretudo a tomista e a escotista. Apesar dele, como veremos, a filosofia escolástica americana não foi uma simples repetição da europeia, mas que gozou de uma certa originalidade.

c) o terceiro período (1750-1807) é mais complicado, posto que se trata de um importante momento de transição da escolástica para a modernidade. Na metade do Século XVIII, entra em crise a filosofia até então hegemônica e começa a notar-se a influencia da Ilustração europeia e seus correspondentes ares de modernidade. Estes ares de liberdade ideológica propiciarão, unido às circunstancias políticas, a emancipação dos países que formaram a Colônia.

A terceira etapa (1807-1900/1910), se inicia com a emancipação das antigas colônias e chega até o início do século XX, ou a revolução mexicana, depende de nações, a saber:

a) o primeiro está constituído pelas primeiras décadas do século (1807-1920), momento em que se adverte o empenho de alguns intelectuais, como Alberdi, Sarmiento e outros, por conseguir o que denomina a “segunda emancipação”, ou também, a emancipação cultural, com o que se produziram uma autentica filosofia

americana, como pede Alberdi. Aqui se nota especialmente a influencia da ilustração francesa e inglesa.

b) o segundo período (1820-1870), surge como reação ao anterior, ao perceber-se o fracasso do primeiro intento revolucionário de constituir umas republicas democráticas, sem contar com as bases sociais suficientes. Produz-se então uma transição liberal, propiciada pelos interesses econômicos dos crioulos mais poderosos, que atingiram e rebaixam os ideais democráticos dos primeiros anos da emancipação.

c) o terceiro período (1870-1910), se dá uma hegemonia quase absoluta do positivismo como teoria filosófica e base ideológica da nova burguesia que se faz com o poder desejado pelos espanhóis. Donde mais claramente se adverte esta conveniência entre positivismo e poder político é no México, com a ditadura de Porfirio Díaz, mas algo similar se dá no resto das novas nações independentes.

A quarta etapa está constituída pelo Século XX. A mudança de orientação política e teórica é resultado de vários acontecimentos significativos: a guerra hispano-norte-americana de 1898, com a independência de Cuba e Puerto Rico; o simbólico livro do uruguaio Rodó, Ariel (1900), no que se adverte um giro cultural do modelo norte-americano à recuperação dos valores da hispanidade; e a revolução mexicana de 1910.

Durante o Século XX, se produz já a segunda normalização da filosofia, como pretendia F. Romero, e temos que nos deter com mais lentidão na descrição das diferentes gerações filosóficas. As gerações que vamos ter em conta são as seguintes: a geração de 1900, que podemos denominar a geração de E. Rodó; a geração de 1915, com A. Caso, J. Vasconcelos, J. C. Mariátegui e demais; a geração de 1927 ou de 1939, que coincide com a do “exílio republicano”: confluência de Samuel Ramos e Francisco Romerom com J. Gaos, Garcia Bacca e demais exilados espanhóis; a geração de 1945: a de L. Zea (e o grupo Hiperión) e A. Salazar Bondy; a geração da “Filosofia de la Liberación”, de 1969 em diante; a geração posterior, com a transformação da *filosofia da liberación* e o surgimento de novos paradigmas da pós-modernidade e pós-colonialidade.

A guisa de conclusão foi posto em debate o problema da identidade da razão latino-americana, a partir das evidencias gerais de Beorlegui (2004), com as quais concordamos, a saber:

Realizar uma história da filosofia latino-americana não é uma tarefa fácil, não somente por sua amplitude de conteúdo em todas as épocas e nacionalidades, senão por ter que à de se propor de entrada seu estatuto epistemológico, por conseguinte, de menor importância é o qualificativo que foi dado a nossa reflexão: América Latina, Hispano América, Ibero América, Nossa América etc., dos cem nomes que tem aplicado, e se seguem aplicando, o coletivo América, explicam a dificuldade de referir-nos a América hispana como um todo mais ou menos homogêneo.

Esta problemática inicial tem como pressuposto o problema específico do pensamento e/ou filosofia latino-americana que tem sido, em grande medida, ao longo de sua história, a busca de sua identidade.

Uma constatação importante deste processo histórico. posterior a emancipação política, é a periódica reflexão sobre si; cabe uma filosofia autenticamente hispano-americana, e quais seriam os rasgos específicos da mesma. Ao exercício do filosofar lhe corresponde, como o *Ser aristotélico, que se diz de muitas maneiras*, tais como sujeitos culturais, e só o diálogo intercultural sobre essa pluralidade de modos de filosofar comum e convergente.

Qualquer cultura pode e deve aspirar a possuir um modo de filosofar original e autêntico, na medida em que pode e deve filosofar a partir de suas próprias coordenadas culturais e circunstanciais, não obstante as posições dos pós-modernos e pós-coloniais, segundo os quais estamos em um mundo cada vez mais globalizado, e, portanto, em circunstâncias nas quais as conotações de cada cultura parecem diluir-se. Portanto, um dos melhores aportes da razão latino-americana é a demonstração de que os aportes que uma cultura pode fazer à universalidade, passa por um aprofundamento no local e no específico de sua própria cultura.

Por fim, se nos perguntássemos quais seriam as qualidade e/ou características mais sobressalentes e interessantes do filosofar latino-americano, poderíamos considerar o seguinte: o filosofar a partir de sua própria circunstancia e sobre os problemas específicos que configuram seu solo cultural e social; a referencia prática de seu pensamento, reinterpretando todos os sistemas filosóficos em função desta referência prática; a orientação humanística, na medida em que o homem, sua natureza, e a configuração de uma sociedade a serviço do ser humano parece que são os objetivos e os conteúdos mais específicos da maioria do pensamento de seus intelectuais mais representativos; a forte tendência ética, não só na *filosofia de la liberación* senão também nos sistemas filosóficos anteriores, a partir da mesma Colônia; o horizonte universal de suas abordagens, fazendo em parte da necessidade virtude. Isto é, na medida em que a filosofia tem sido na América Latina uma flor considerada em grande medida de importação, se tem olhado sempre de fora, no entorno universal, para aprender a filosofar e aplicar seus frutos ao solo americano. Por isso mesmo se tem convertido em virtude, na medida em que esse olhar universal tem lhe servido para exigir uma compreensão nova do exercício do filosofar, entendendo-lhe como tarefa que corresponde não a uma só cultura, senão a todas, em diálogo totalmente simétrico e transparente. De tal modo que nesta situação de globalização, o pensamento latino americano, acostumado a horizontes universalizadores, se sente cômodo diante desta necessidade de entender a razão latino-americana como uma exemplificação da razão sem adjetivos.

O balanço final de Boerlegui (2004) nos faz crer que é de justiça reconhecer que o pensamento filosófico latino-americano encontra-se em um excelente momento de

maturidade, no qual haveria produzido a pretendida *normalização* tão almejada pelos intelectuais da geração dos *fundadores*, na terminologia de Francisco Miró Quesada.

Referências:

- BEORLEGUI, Carlos. *História del Pensamiento Filosófico Latinoamericano: una búsqueda incesante de la identidad*. Bilbao: Universidad de Deusto, 2004.
- CATURELLI, Alberto. *História de la Filosofía en la Argentina (1600-2000)*. Buenos Aires: Ciudad Argentina; Universidad del Salvador, 2001.
- CERQUEIRA, Luiz Alberto. A ideia de Filosofia no Brasil. *Revista Filosófica de Coimbra*, 39 (2011), p. 163-192.
- MARGUTTI, Paulo. *História da Filosofia do Brasil (1500 – hoje): 1ª Parte: o período colonial (1500-1822)*. São Paulo: Loyola, 2013.
- JAIME, Jorge. *História da Filosofia*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Faculdades Salesianas, 1997. V. 1.
- _____. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Faculdades Salesianas, 1997. V. 2.
- _____. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Faculdades Salesianas, 2000. V. 3.
- _____. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Faculdades Salesianas, 2002. V.4.
- COSTA, João Cruz. *Contribuição à História das Idéias no Brasil: o desenvolvimento da filosofia no Brasil e a evolução histórica nacional*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- PAIM, Antonio. *O Estudo do Pensamento Filosófico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.
- _____. *História das Ideias Filosóficas no Brasil: os problemas com que se defrontou a filosofia brasileira*. 6 ed. rev. Londrina, PR: Humanidades, 2007. V. 1. Disponível em: <http://www.institutodehumanidades.com.br/arquivos/vol_i_problemas_filosofia_brasileira.pdf>.
- _____. *História das Ideias Filosóficas no Brasil: as correntes*. 6 ed. rev. Londrina, PR: Humanidades, 2007. V. 1. Disponível em: <http://www.institutodehumanidades.com.br/arquivos/vol_i_problemas_filosofia_brasileira.pdf>.